



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Polo Naval de Rio Grande**

Rio Grande-RS, 21 de outubro de 2010

Meus queridos companheiros e companheiras do Rio Grande do Sul,
Meus queridos companheiros e companheiras da cidade de Rio Grande,
no Rio Grande do Sul,

Meus... aqui tem time de futebol bom? – “Tem.” – É o Rio Grande? – “É.”
– E é bom mesmo? – “É bom.” – Será que ganharia do ‘Coringão’? – “Não.”

Bem, então, aqui, meus companheiros do Grêmio, companheiros do
Internacional. Aqui, eu virei... acabei de virar torcedor do Rio Grande agora,
pronto.

Bem, eu quero cumprimentar o meu companheiro Fernando Haddad,
ministro da Educação,

Quero cumprimentar o companheiro Pedro Brito, que acabou de falar com
você, ministro responsável pelos portos no nosso país,

Quero cumprimentar o companheiro Fernando Marroni, deputado federal,

Quero cumprimentar o companheiro Beto Grill, vice-governador eleito do
Rio Grande do Sul,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro José Sergio Gabrielli,
presidente da Petrobras,

Quero cumprimentar o companheiro João Carlos Cousin, reitor da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul [Universidade Federal do Rio
Grande],

Quero cumprimentar o Almirante [Vice-Almirante] Sergio Roberto dos
Santos, comandante do 5º Distrito Naval,

Quero cumprimentar o Jayme Ramis, superintendente do Porto de Rio
Grande,



E quero cumprimentar o Renato Espíndola Albuquerque, presidente da Câmara Municipal do Rio Grande,

Quero cumprimentar o Renato de Souza Duque, diretor da Área de Serviços da Petrobras,

Quero cumprimentar o companheiro Sergio Machado... José Sergio Machado, presidente da Transpetro,

E cumprimentar o nosso companheiro Miguel Rossetto, presidente da Petrobras Biocombustível,

E cumprimentar o companheiro Irineu Fagundes, que acabou de falar aqui como representante dos trabalhadores do Rio Grande do Sul,

Bem, companheiros e companheiras, eu estou há dois meses e um tiquinho de dias para deixar a Presidência da República. É a terceira vez que eu venho à cidade de Rio Grande, por conta do estaleiro, por conta do dique seco, por conta dos nossos navios e das nossas plataformas. E é com muita alegria, mas uma profunda alegria, que ao terminar o governo eu descubro que grande parte dos nossos sonhos estão sendo concretizados.

Vocês sabem, muita gente aqui nesta cidade sabe, muita gente aqui neste estado sabe que quando nós dissemos que íamos fazer isto aqui, muita gente não acreditava. Isso, havia uma razão de ser: o povo brasileiro, havia 25 anos que não via o Brasil fazer grandes investimentos e gerar muitos empregos. As pessoas estavam desacreditadas se o Brasil seria capaz de fazer coisas como esta que nós estamos vendo aqui. As pessoas não acreditavam mais que este Brasil pudesse ter soberania, que a nossa engenharia tivesse competência e que os nossos trabalhadores estivessem preparados para vencer os desafios.

Nós éramos uma nação que nos considerávamos quase como seres inferiores. Nós não podíamos nada, os outros podiam tudo. Havia até quem dissesse, neste país, que eu estava mentindo quando eu disse que era



possível a gente fazer as plataformas da Petrobras aqui no Brasil, fazer as sondas da Petrobras aqui no Brasil. Havia quem dissesse que não era possível, que eu estava blefando, e que a Petrobras tinha que comprar de Cingapura, tinha que comprar da Coreia ou de outro país asiático qualquer, porque nós estávamos predestinados a ser incompetentes.

Eu, muitas vezes, meditei se isso era apenas preconceito ou se isso era um jeito de ser de uma parte de uma elite brasileira que não queria, ao longo de cinco séculos, enxergar o valor do brasileiro. Vocês sabem que este país, embora a gente tenha conseguido a nossa independência no dia 7 de setembro de 1822, este país ainda continuou, durante muitas décadas, com a cabeça colonizada. A elite brasileira pensava Europa, a elite brasileira pensava Estados Unidos. Até os reis da borracha, que produziam borracha lá no Acre, mandavam roupa para lavar em Paris, tal era o descrédito, a incompetência e o complexo de vira-lata que tivemos durante muito tempo neste país.

Aqui tem grandes empresários e eles sabem do que eu estou falando. Muitos empresários brasileiros estavam percorrendo o mundo para fazer obras lá fora porque não tinha mais obras dentro do Brasil. Engenheiros se formavam e iam trabalhar de analistas financeiros porque não queriam [porque queriam] trabalhar e não tinha mais emprego na engenharia brasileira. Nós, em [19]89, tínhamos 50 mil escritórios de engenharia neste país. Quando eu tomei posse, a gente estava apenas com oito mil escritórios de engenharia neste país. Agora nós estamos recuperando a formação dos nossos engenheiros. Não tinha mais Engenharia Naval, não tinha mais Engenharia Ferroviária. Este país estava predestinado a ser um país importador de coisas que nós, em outros tempos, já tínhamos sabido produzir.

Eu descobri esses dias, meu companheiro Gabrielli, que o Brasil não produz mais trilhos, que a CSN, que fabricava trilhos lá no Rio de Janeiro, desativou a parte da produção de trilhos, e hoje nós compramos trilhos da Polônia, da Itália, da China, o que demonstra claramente o que foi feito neste



país nos anos 80, nos anos 90, até a gente chegar à Presidência da República.

Nós chegamos a ter mais de 39 mil quilômetros de trilhos. Quando cheguei à Presidência, nós tínhamos pouco mais de dez mil funcionando, José Sergio, porque o país primou, depois da entrada da indústria automobilística, por desativar as suas ferrovias, tentando criar a ideia de que era incompatível a coexistência de um sistema de transporte que combinasse o modal, o ferroviário e o transporte rodoviário.

O que nós estamos vendo aqui, companheiros e companheiras, é o renascimento deste país enquanto nação. O que nós estamos vendo aqui é o renascimento de um país que toma suas decisões sem pedir licença ao FMI, sem pedir licença ao Banco Mundial e sem permitir que outros de fora tenham ingerência nas nossas decisões.

Eu venho aqui, companheiros e companheiras, faltando dois meses para terminar o mandato, para dizer para vocês que nos anos 80, eu era presidente de sindicato e, modéstia à parte, um bom dirigente sindical, modéstia à parte. E passei, mais de 20 anos da minha vida, sem ver uma placa na porta de nenhuma empresa com aviso dizendo que precisava de um trabalhador. A indústria naval brasileira, meu caro Fernando Haddad, na década de 70, tinha quase 50 mil trabalhadores aqui no Brasil. E quando eu cheguei na Presidência, ela tinha, apenas, 1.900 trabalhadores. No lugar dos trabalhadores, estavam os ratos. No lugar das máquinas, estava o capim porque quem dirigia este país tinha tomado a decisão que nós não tínhamos competência para fazer isso que nós estamos fazendo agora. Eu venho aqui para poder dizer para vocês que o IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística] acaba de publicar, hoje, o estado de desemprego no país. Em agosto, nós tínhamos no Brasil 6,7% de desemprego. Agora, em outubro, caiu para 6,2%. É o menor desemprego da história deste país. Os outros, que pensavam que eram melhores do que nós – como os Estados Unidos – tem 10% de desemprego. A Europa, que sempre pensou que sabia mais do que



nós, tem 10% de desemprego. A Espanha tem 20%. E aqui, na grande Porto Alegre, tem só 4,1% de desemprego, em Porto Alegre e na região metropolitana. Isso, estatisticamente, é considerado, no mundo desenvolvido, como se fosse pleno emprego. E aqui, eu estou vendo muita gente como eu, de cabelos brancos. Nós nunca vivemos isso no país nesses últimos 30 anos. E o mais importante, companheiros e companheiras, é que o salário médio dos trabalhadores voltou a subir, outra vez. É que, neste ano, só por conta do 13º salário, vão ser injetados R\$ 102 bilhões na economia brasileira. É mais trabalhador comprando mais coisa para a sua casa, é mais trabalhador levando as coisas para sua família, é mais gente comprando, mais gente produzindo e mais gente trabalhando.

É este o país que nós vamos deixar depois de oito anos de mandato na Presidência da República. Porque uma coisa tem que ficar clara, daqui para frente vocês não podem mais andar de cabeça baixa. Trabalhador não foi feito para bater palmas para político. Trabalhador pode ser um político, ele pode ser o presidente da República.

Eu, meus queridos companheiros, tenho tanta coisa para falar para vocês, mas não posso falar porque em época de campanha eleitoral, o exercício do cargo me obriga a ser mais comedido. Mas eu queria dizer para vocês uma coisa: nós alcançamos uma situação, no Brasil, que eu duvido que tenha alguém de boa fé, mesmo que seja adversário, mesmo que seja grande empresário, mesmo que seja o mais humilde dos brasileiros, eu duvido que tenha alguém neste país que tenha coragem de dizer que o nosso país já viveu um momento tão singular e extraordinário como nós estamos vivendo.

Antigamente... ontem, eu recebi a seleção de vôlei do Brasil, que foi tricampeã mundial. Aqueles moleques do meu tamanho, 2,17 metros, 2,18 metros. Eu estava lembrando para eles que algum tempo atrás o Brasil entrava para jogar com os Estados Unidos e a gente já perdia na semana. “Ah, os Estados Unidos são invencíveis!” Nós já entrávamos lá, sabe...? Íamos jogar



com a Alemanha, já perdíamos antes. Íamos jogar com a Itália, já perdíamos antes. Íamos jogar com a Rússia, já perdíamos antes. Ou seja, nós éramos... nós tínhamos um comportamento de seres inferiores. Não era porque nós éramos inferiores, era porque aqueles que nos governavam se comportavam de forma inferior. É preciso que a gente compreenda. Hoje, não é mais o Brasil que tem medo de jogar. Hoje, são os americanos, são os europeus, os asiáticos que, quando veem a camisa verde e amarela, eles tremem porque eles sabem que o nosso país é muito competente. E é uma coisa extraordinária, tanto no vôlei masculino como no feminino. Por quê? Porque nós profissionalizamos, José Sergio! O centro de treinamento de Saquarema, no Rio de Janeiro, é o maior centro de treinamento que um país tem no mundo, é a mais importante qualidade de treinamento que tem no mundo. Nós somos tri, tetra, penta campeões infantil, juvenil, ou seja, tudo que é título essa molecada do vôlei ganha, e isso está acontecendo conosco. Nenhuma soldadora, nenhum soldador do Brasil pode se sentir inferior: não tem quem solde melhor do que nós! Pode soldar igual.

Eu, quando trabalhava na Villares, a gente produzia escada rolante, a gente produzia ponte rolante, e quando a gente trazia as peças de lá, que viam do Japão – algumas vinham – a qualidade delas, José Sérgio, era muito inferior a nossa, muito. O trabalhador brasileiro é mais criativo, é mais produtivo e é mais engenhoso na hora de fazer as coisas. Portanto, nós estamos vivendo um dia de glória hoje. Nós estamos aqui vendo o dique seco mais importante do hemisfério sul, nós estamos aqui vendo... Eu nunca vi um guindaste deste tamanho aqui, e olha que eu trabalhava na Villares que era uma indústria pesada, mas o nosso guindaste lá não chegava nem perto deste guindaste aqui, que eu até me assustei. Então, eu penso que nós consagramos não apenas o desenvolvimento da cidade do Rio Grande, do estado do Rio Grande; Pelotas, Marroni, vai ganhar muito com o desenvolvimento de Rio Grande, porque a nossa ideia é recuperar esta região do Rio Grande do Sul que era tido



como perdida por muita gente, que era tido como uma região acabada ou exterminada, por muito tempo. Nós queríamos dizer que muita gente que governou este país deveria ser chamada de exterminadores do futuro, porque o que eles passaram foi desesperança, foi desesperança, muita desesperança, e eu tenho certeza de que a região, que era considerada a mais pobre, a mais desativada do Rio Grande do Sul... eu vou sair daqui e vou lá para Pelotas inaugurar um campus da universidade federal chamado campus Porto, onde a gente vai ter 1.300 alunos estudando, a mais. Aliás, eu quero dizer para vocês que este moço, ontem... vem cá, Fernando, vamos fazer uma dupla aqui. Eu quero... Eu não poderia sair daqui sem dizer a vocês o seguinte: ao deixar o nosso mandato além de criar o ProUni, além de criar o Reuni, além de fazer as escolas técnicas que nós fizemos, ontem nós fizemos mais uma coisa que estávamos batalhando há quase dois anos, que era o financiamento para a juventude brasileira voltar a estudar, e ontem nós anunciamos o Fies [Fundo de Garantia do Financiamento ao Estudante do Ensino Superior-Fies]. Ou seja, as pessoas vão ter financiamento como nenhum outro país ofereceu aos estudantes. Eu queria que você aproveitasse... porque aqui tem muita gente que vai voltar a estudar, se tiver financiamento. Se tiver dinheiro, que ele vá pagar bem pouquinho, muita gente que não se formou vai voltar a estudar.

Então, eu queria que antes de eu terminar, você falasse o que é o Plano de Financiamento da Educação que nós anunciamos ontem.

Ministro Fernando Haddad: Bom dia, pessoal. Bom, ontem nós anunciamos mais uma oportunidade para as pessoas frequentarem uma universidade. Como vocês sabem, o presidente Lula dobrou as vagas nas universidades federais e fez o ProUni, que oferece bolsas em instituições particulares, bolsas integrais e bolsas de 50%. Mas, ainda, para uma camada da população que não conseguia bolsa ou não conseguia uma vaga de federal, ficava difícil o financiamento estudantil, por falta de fiador. Muitos estudantes queriam voltar a



estudar, queriam pagar depois de formados, mas não conseguiam um amigo ou um parente para fazer a fiança bancária, para conseguir financiamento. Então, para aquela família que tem um e meio salário-mínimo de renda por pessoa, ou seja, uma família de quatro pessoas que tenha renda de até seis salários mínimos, por exemplo, para essa família está dispensada a apresentação do fiador. A pessoa vai à Caixa ou no Banco do Brasil, volta a estudar, não paga nada durante a graduação, paga R\$ 50,00 por trimestre. Depois tem um ano e meio de carência depois de formado, e depois tem três vezes o tempo do curso para pagar, com 3,4% ao ano de juros, ou seja, juros abaixo da inflação, e não vai mais precisar apresentar fiador. Quem tem essa faixa de renda pode pensar em frequentar uma universidade, porque o governo vai pagar os estudos. Parabéns para vocês.

Presidente: É que eu acho que essa informação é uma informação extremamente importante, sabe por quê? Porque um menino ou menina que está com 23, 24, 25 anos, que terminou o ensino... o 2º grau, começou a trabalhar e não tem dinheiro para poder estudar, ele agora vai poder estudar. Ele agora vai poder estudar sem precisar colocar a mão no bolso. Só depois de um ano e meio de formada é que essa pessoa vai começar a pagar aquele dinheiro, com 3% de juros.

O que nós queremos, na verdade, é fazer com que este país, daqui a alguns anos, seja um país que tenha dez, 11... milhões de jovens na universidade para que a gente possa, efetivamente, entrar no mundo dos países altamente desenvolvidos. Eu estou convencido de que o Brasil pode ser a quinta economia mundial nos próximos oito anos, nos próximos sete anos. As condições estão colocadas, o Brasil tem uma oportunidade extraordinária. Somente a Petrobras, ela tem que fazer, até 2014, US\$ 224 bilhões de investimentos. Significa que por trás desses US\$ 224 bilhões você vai ter muitas empresas vindo por este país, você vai ter muitos investimentos em



tecnologia, e você vai criar uma indústria poderosa em torno da Petrobras, por conta da exploração do petróleo e do pré-sal que nós estamos tirando.

Só para vocês terem uma ideia, nós temos quatro refinarias novas em construção, duas para começar e duas já começadas. A do Polo Petroquímico do Rio de Janeiro já foi começada, a de Pernambuco já foi começada, tem uma no Ceará, tem uma no Maranhão e tem uma pequena de 35 mil barris/dia, no Rio Grande do Norte, que já está pronta. Ou seja, a Petrobras, para cada sonda dessas, quantos barcos tem que construir? Para cada plataforma, é preciso construir cinco barcos. Significa que nós vamos ter que contratar mais de 490 barcos de apoio para que a gente possa fortalecer a indústria petrolífera no Brasil. Isso colocado, companheiros, significa... vocês estão lembrados de que quando eu vim aqui, acho que eu fui em outro estaleiro, na P-53, e o pessoal estava angustiado porque a plataforma ia sair do estaleiro, e o que viria no lugar? Aí nós mandamos para cá a P-55. Vocês, agora, vão ter uma coisa diferente. Vão entrar oito cascos de navio para fazer aqui. Isso vai dar quanto tempo de trabalho, aí? Vai dar pelo menos seis anos de trabalho, no mínimo. Agora, até lá, vão entrar mais outros oito. Ou seja, isso aqui vai virar uma produção em série de cascos de navio.

Aí, a cidade de Rio Grande vai crescer, a região vai crescer, consequentemente Pelotas vai crescer, o estado do Rio Grande do Sul vai crescer, o Grêmio vai crescer, o Internacional vai crescer, o time daqui vai crescer e o Coringão vai ser campeão!

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser, companheiros!

(\$211A)